

TRADUÇÃO:
TEORIA E PRÁTICA

MALCOLM COULTHARD

CARMEN ROSA CALDAS-COULTHARD

Organizadores

© Malcolm Coulthard e Carmen Rosa Caldas

Editora da UFSC
Campus Universitário – Trindade
Caixa postal 476
Tel.: (0482) 31-9408
88049 – Florianópolis – SC – Brasil

Capa: Cleber Teixeira com desenho de Rodrigo de Haro

T763 Tradução: teoria e prática / Malcolm Coulthard, Carmem Rosa Caldas Coulthard, organizadores. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.
p. 224

CDU 82.083
CDD 801.025

1. Tradução literária. I. Coulthard, Malcolm. II. Coulthard, Carmen Rosa Caldas.

Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora da UFSC.

Impresso no Brasil / Printed in Brasil

TEMA E FOCO NA TRADUÇÃO

Muriel Vasconcellos

1. Conceitos

Já se aceita, sem dúvida alguma, que a principal tarefa da tradução é identificar as diferentes significações no texto e reproduzi-las, em cada caso, com efeito igual na língua-alvo. Pode-se dizer que há vários tipos de significação, e que cada tipo corresponde a um sistema linguístico diferente. Numa abordagem funcional ao estudo da língua, considera-se que ela é composta de uma série de sistemas, cada um revestindo o texto de um tipo diferente de significação e cada um tomando sua definição da função que desempenha. A perspectiva funcional, que atribui a organização do discurso a sistemas que operam a nível textual da língua, é especialmente útil para elucidar os aspectos da estrutura dos discurso que precisam ser manifestados na tradução. A formulação e a compreensão dos textos são possíveis graças a recursos que fixam valor comunicativo a certos de seus elementos chaves. Na medida em que conseguimos identificar e definir estes recursos, eles nos ficarão mais reais — e mais manipuláveis.

Digamos, seguindo a linha de Halliday (1967-68), que a língua tem três componentes principais: o sintático, o semântico e o textual. Em outras palavras, todo texto tem uma estrutura sintática, uma estrutura semântica e uma estrutura textual. Além disso, podemos dizer, já que estas estruturas correspondem a sistemas diferentes, que cada uma delas tem a possibilidade de funcionar independentemente das outras.

O componente textual compreende sistemas que especificam tanto a organização global do texto e de seus blocos maiores como também o início, o fim e a estrutura interna da própria unidade de mensagem. Há dois sistemas do componente textual que informam todas as mensagens: segundo Halliday, são os sistemas de *tematização*

e de *informação*¹, os quais oferecem para o falante, ou escritor, "os principais meios para conferir estrutura ao discurso e (no caso ideal) determinar a "compreensão" — o reconhecimento do texto como um texto e sua interpretação segundo linhas predizíveis" (1968:179). Podemos dizer que constituem a gramática das mensagens — a gramática que especifica o ponto de partida para a organização da mensagem e que regula a distribuição da informação, incluindo, nesta última, a escolha, para cada unidade de mensagem, do elemento de informação que vai ter a maior saliência. Esta gramática, lembramos, é totalmente independente da sintaxe e da semântica e, num sentido importante, é superordenada à outra, porque prevê o tecido que serve para juntar o texto numa só peça — uma peça coerente.

A *tematização* é o meio pelo qual se inicia a unidade da mensagem. Sua função é introduzir no discurso o primeiro elemento da unidade. Como resultado da tematização, fica estabelecido o *tema*. É deste ponto de partida que decorre o resto da unidade, seguindo-se a sintaxe da língua.

O *sistema de informação*, por sua vez, é o mecanismo pelo qual se introduz a informação nova. *Informação nova*, no seu sentido linguístico, quer dizer informação que não se pode recuperar do discurso anterior. O sistema de informação vai criando ligações entre a informação que se supõe já existe no "banco de dado" do ouvinte/leitor e os elementos de informação nova (Clark & Haviland, 1977). Numa mensagem feliz — uma que se recebe e se entende — a informação se introduz parceladamente, cada elemento contribuindo com informação ainda mais nova a ser incorporada na estrutura, até chegar ao foco, o "ponto", da mensagem — a informação mais nova da unidade inteira, que é, também, por definição, a informação mais saliente.

Tanto o tema como o foco têm saliência na unidade, mas nenhum deles é central; são complementares. Ao exercer sua função respectiva, cada um contribui com uma força diferente. O tema assinala o início da unidade; o foco, seu final. Quando a unidade é uma palavra só, os dois coincidem; mas não deixam de ter suas funções respectivas. É o efeito dos dois sistemas funcionando em conjunto que confere identidade à mensagem como uma unidade discreta (Vasconcellos, 1985).

1 Halliday considera que a tematização e a informação são independentemente variáveis, assim diferindo dos funcionalistas mais tradicionais (Mathesius 1937, Firbas 1966, etc.), cujo modelo de tema-rema engloba tudo num fenômeno só de perspectiva funcional x da oração.

Pode-se considerar que os sistemas de tematização e informação representam as vozes dos dois participantes do discurso: a primeira pessoa e a segunda. É a cooperação entre as duas (Grice, 1975) que dá realidade à mensagem. A voz da primeira pessoa inicia a comunicação e fórmula o pensamento. Ao mesmo tempo, a mensagem precisa ajustar-se ao conhecimento que a segunda pessoa tem do mundo referido pelo discurso, que corresponde a uma voz interna, um eco da fala da sociedade em que os dois vivem.

Os princípios da organização do discurso transcendem a distinção entre texto falado e texto escrito. O tema e o foco são igualmente necessários à comunicação em todos os dois modos. A diferença está na sua expressão e na intensidade com que se usa os recursos dos respectivos sistemas. Pelo que se pode observar, a fala é mais informacional e a escrita é mais temática. No discurso oral, os falantes são mais inclinados a ajustar a distribuição da informação nova de acordo com as respostas (antecipadas ou reais) de seus ouvintes. Como resultado, a novidade tende a ser mais recursiva, com ajustamentos e correções no caminho, à medida que o falante vai formando a estrutura à qual ele vai fixar seu "ponto". Por outro lado, no texto escrito, sem interlocutor presente, o escritor pode dar-se ao luxo de ser mais recursivo em termos temáticos, introduzindo temas secundários, com cláusulas encaixadas, inspiradas por pensamentos tangenciais, antes de levar a unidade à sua conclusão. De fato, é bem possível que o *continuum* proposto por Chage (1982) de envolvimento-afastamento, junto com o contraste paralelo de fragmentação-integração, pode ser explicado em termos da preponderância da perspectiva informacional vis-à-vis à temática.

Exploramos, então, o reflexo dos dois sistemas na tradução, trazendo exemplos de textos portugueses comparados a suas respectivas versões publicadas em inglês.

2. A tematização

O tema, como já vimos, é o elemento inicial da unidade. Embora tradicionalmente considerado substantivo, neste modelo, baseado em Trávníček (1962) e Halliday (1967-68), a noção se estende para incluir qualquer forma que a língua permita em posição inicial: verbo, modificador adverbial a nível da cláusula (*adjunct*), conjunção, etc. Em todas estas manifestações, o tema serve para ligar o objeto de pensamento no cérebro do falante/escritor com a sua expressão em forma falada ou escrita. Transcende qualquer consideração sobre a condição informacional do referente; ele não precisa representar informação

dada ou "velha", recuperável do discurso ou do contexto situacional. Pode introduzir um conceito totalmente novo. Mas, em geral, dentro dum discurso já encaminhado, faz uma ligação com o conteúdo externo ou interno dele. Por "conteúdo externo" queremos dizer o mundo ao qual o discurso faz referência – o chamado sentido "cognitivo". O "conteúdo interno" tem a ver com a organização do discurso em si. Em todos os dois sentidos, o tema tem um papel essencial no desenvolvimento do discurso. No exemplo a seguir, a relação direta entre o tema e a unidade anterior:

- (1-P) # A América do Sul...deve ter sido contígua à África ao ponto de constituir com ela um bloco continental único.#
 # *Esse bloco* se cindiu, durante o cretáceo em duas partes...#
 (Azevedo, 1944)²
- (1-I) # South America...must have been contiguous with Africa, to the point of constituting with it a single continental block.## *This block* was separated during the Cretaceous era into two parts...#

A repetição do foco enfatiza a ligação entre as duas unidades. Vale a pena notar que este tipo de repetição não ofende o leitor, nem em português nem em inglês; chega a ser um recurso valioso para reforçar as relações intratextuais.

2.1. Os temas principais

A unidade da mensagem pode ter mais de um tema, mas um deles será, necessariamente, ou substantivo ou verbo. Estes são os *temas principais*, e toda mensagem utiliza um ou outro. São sempre externos: apontam o conteúdo referencial da mensagem.

Em inglês o tema principal geralmente se realiza em forma de locução nominal; em português a realização nominal predomina, mas os temas verbais são frequentes também.

Quando o tema é substantivo e ao mesmo tempo sujeito da oração, não representa maior problema sintático na tradução do português para o inglês, porque o inglês exige sujeito em posição inicial:

2 O símbolo # indica as fronteiras da unidade de mensagem. Quando a fronteira não foi respeitada na tradução, usa-se o símbolo +. O símbolo duplo ## designa o início do discurso.

(2-P) ## *Vadinho*, o primeiro marido de dona Flor, morreu num domingo de carnaval...# (Amado 1966).

(2-I) ## *Vadinho*, Dona Flors husband, died on Sunday of Carnival ...#

Também há pouca dificuldade sintática quando o tema pertence a uma locução nominal que está em oposição ao sujeito:

(3-P) # *Produto* do grande movimento migratório de homens, idéias e instituições..., a civilização brasileira...desenvolveu formas novas de vida,...# (Coutinho 1966)

(3-I) # *The product* of the great migratory movement of men, ideas, and institutions..., Brazilian civilization...developed new forms of life, ...#

A situação se complica, porém quando o tema é objeto de verbo. Em certos casos é possível usar a mesma sintaxe:

(4-P) # *Mulheres como esta* eu só conhecia de literatura.# (Veríssimo 1957)

(4-I) # *Women like this* I have only known in literature.#

Contudo, no caso mais típico a construção não passa para o inglês. É preciso, então, procurar alternativas se o mesmo conceito ficar no início da unidade. O tradutor terá que sair fora do padrão sintático do original português. Por exemplo:

(5-P) # O senhor já viu uma estranhez? ## A mandioca-doce pode de repente virar azangada – ## *motivos* não sei.# (Guimarães Rosa 1968)

(5-I) # Now the strange thing is ##that the sweet cassava can turn poisonous – ## *Why*, I dont know. #

O tradutor encontrou uma boa solução.

Maior problema ainda é a tradução do tema quanto ele está em forma de verbo inicial, caso comum em português mas bastante raro em inglês (Vasconcellos 1985). A força temática do verbo nesta posição é importante para o desenvolvimento da unidade e não deve ser minada postergando a noção contida no tema. Portanto, vale a pena tentar uma solução, por mais difícil que seja, ou mesmo, às vezes, impossível. Requer que o tema verbal esteja representado por uma locução nominal que tem o mesmo sentido na língua-alvo:

(6-P) # A falta de objetivo me sofocava. Implorei a Deus com fé um caminho, uma causa. *Vieram*-me os botões. # (Resende 1963)

(6-I) # A lack of objective was suffocating me. I prayed to God to give me an aim in life. And what I got was buttons.#

Uma solução brilhante!

A situação se torna um pouco mais fácil no caso de um verbo impessoal precedido de um tema adverbial que se presta à nominalização:^{3 4}

(7-P) # Neste estudo₁ se procura₂ resolver dois problemas fundamentais: (1) ... e (2)... #

(7-I) # This study₁ attempt₂ to solve two fundamental problems: (1) ... and (2) ... #

Quando se consegue manter o tema na sua posição original, vê-se logo que a tradução é fiel à estrutura do discurso.

2.2 Os temas menores

Além dos temas principais, há temas que não são essenciais à estrutura da unidade de mensagem, que vamos chamar de temas menores. Eles são de dois tipos, que se realizam, respectivamente, como locução adverbial (o que Halliday chama de *adjunct*, modificador) e conjunção. Sempre vêm antes do tema principal. Servem para modificar o conteúdo do tema principal (no caso dos modificadores externos) ou para situá-lo dentro do discurso (os modificadores internos e as conjunções).

O Tema adverbial pode ser *interno* ou *externo*. No caso do tema externo, ou cognitivo, várias locuções adverbiais podem acumular-se em série, formando um só tema:

(8-P) ## *Mais abaixo, na dobra da ladeira, em vão de portal o velho Emo Corro*₂ manteve afreguesada cadeira de barbeiro...#
(Amado 1969)

(8-I) ## *In a doorway near the bottom of the hilly street*₁ *the old Emo Corro*₂ had a steady stream of customers in his barbers chair...#

Também há tema adverbial interno, que não pode ser mais de uma locução:

3 Os numerais subscritos correspondem à ordem de temas múltiplos.

4 O corpus não deu exemplo nenhum. A oração citada apareceu em espanhol. Num pequeno experimento, pedimos a sete tradutores para fazerem uma versão em inglês. Dos sete, seis optaram para converter o adverbial em substantivo (Vasconcellos 1986a).

(9-P) # *Em verdade*, a mentalidade brasileira amalgama-se debaixo da impressão causada no espírito do europeu...# (Coutinho 1966)

(9-I) # *Actually*, the Brazilian mentality grew up under the spirit of the European ...#

Às vezes o tema adverbial é ambíguo; pode ter uma interpretação ou externa ou interna:

(10-P) # Os Jesuítas são os primeiros sacerdotes que chegam para ficar## e já em 1561 estão construindo seu primeiro colégio na cidade de Salvador.## Seguem-se-lhes os beneditinos (1581), os carmelitas (1586) e os franciscanos (1687).## *Ao mesmo tempo*, um considerável clero secular se estabelece.. #⁵

(10-I) # The Jesuits were the first priests to come to stay, ## and by 1561 they were already building [their first] colégio in the city os Salvador. ## They were followed by the Benedictines (1581), the Carmelites (1586), and the Franciscans (1587). ## *At the same time*, a sizable secular clergy ... was becoming established.#

Pode haver um tema adverbial interno e um externo na mesma unidade, mas parece que há uma restrição contra dois internos.

A conjunção, ao contrário do tema adverbial, quando em posição temática, só pode ter função interna. Assinala a relação entre o discurso anterior e a mensagem que segue a partir dela. No exemplo 11 vemos que *Mas* introduz uma contradição:

(11-P) # Aqui mesmo no saguão do hotel faço mentalmente uma invocação. # ... # *Mas*₁ *na portaria*₂ me asseguraram que os deuses astecas morreram. # (Veríssimo 1957)

(11-I) # Here in the very lobby of the hotel I mentally voice an invocation. # ...# *But*₁ *at the hall-porters desk*₂ they assure me that that Aztec gods are dead.#

Na tradução, com o tema na mesma posição temática, o seu valor organizador no discurso fica respeitado. Se o sentido da conjunção fosse passar para uma posição totalmente atemática, sua força organizadora ficaria perdida:

5 Os exemplos sem fonte especificada são do trabalho de S. Vasconcellos (1974), que foi objeto de um estudo especial da realização do foco na tradução.

(11-I*) # Here in the very lobby of the hotel I mentally voice an invocation.# ...# At the hall-porters desk, they assure me that the Aztec gods are dead, *however*.#

A seguinte versão:

(11-I?) # Here in the very lobby of the hotel I mentally voice an invocation.# ...# At the hall-porters desk, *however*, they assure me that the Aztec gods are dead.#

é mais aceitável porque o conceito ainda aparece como tema menor, embora não na mesma ordem temática.

Há vários outros tipos de tema (Vasconcellos 1985, 1986b, 1987). O importante para a tradução é que a posição inicial do(s) tema(s) no texto original é relevante para a estrutura tanto do discurso em geral como da unidade de mensagem que se desenvolve e assim deve ser mantida na tradução.

3. A Informação

Passemos agora ao outro sistema que funciona na organização do discurso, o sistema de informação.

A própria sobrevivência das espécies depende da capacidade que o ser tem de distinguir entre o que é informação velha, já parte do mundo conhecido, e a informação nova, que pode estar assinalando algum perigo, ou pelo menos a necessidade de reagir (Givón 1979:345-351). A nova ganha sua condição como tal por seu realce relativo à velha. Para saber o que é novo, precisamos ter o velho como contraste. Na comunicação humana há, portanto, sempre uma alternância entre o velho e o novo, que acompanha o lapso necessário para preparar a atenção para um foco novo. É esta alternância, afinal, que regula a estrutura dos textos.

Na formulação de sua unidade de mensagem, o falante/escritor começa com um pedaço de informação supostamente reconhecível pelo ouvinte/leitor, o qual servirá de base para a estrutura informacional que vai desenvolver. Na escolha desta informação, baseia-se no seu conhecimento de mundo e na sua experiência com os membros da comunidade lingüística. O êxito da mensagem vai depender do grau em que esta base informacional for comum aos dois.

Também existem expectativas dos dois lados em relação à distribuição da informação no resto da mensagem. Na situação típica, ou "não marcada", a informação mais nova ocupa a posição final da unidade. Os ouvintes/leitores procuram o foco aí, e os falantes/auto-

res, sabendo disto consciente ou inconscientemente, organizam suas mensagens de acordo com o padrão conhecido.

Na fala, o foco é enfatizado com recursos da prosódia, especialmente no caso do foco contrastivo. Na escrita, porém, este último recurso desaparece; a posição é o único meio para assinalar o foco.

O conhecimento que temos hoje do sistema de informação e seu foco traz uma perspectiva importante ao estudo da tradução.

3.1. O foco não marcado

Baseando-nos nos princípios expostos acima, podemos concluir que a informação na posição final do texto original deve figurar, se possível, no mesmo lugar na tradução. De fato, um estudo de 3.826 unidades de mensagem, derivadas de 32 traduções publicadas, revelou que a mesma informação apareceu na posição final da tradução em 87 por cento dos casos (Vasconcellos 1985:329). Aliás, na grande maioria deles (81%), a informação nova realizou-se em forma de locução nominal.

Naturalmente, quando a estrutura sintática do texto original corresponde diretamente à sintaxe da língua-alvo, e quando o léxico tem vocábulo(s) com o mesmo sentido e a mesma função gramatical, não é difícil manter o foco na mesma posição. O desafio vem quando não há correspondência na sintaxe ou no léxico.

Nas línguas que nos ocupam aqui, a manifestação mais típica, ou não marcada, do foco é a locução nominal. Dado que a sintaxe permite que esta locução fique em posição final, os problemas começam a aparecer quando ela tem mais de um elemento – quer dizer, quando o substantivo está modificado por adjetivo. É preciso, então, resolver se o foco corresponde à unidade inteira ou somente ao último elemento.

Nos seguintes exemplos, vemos que o foco abrange a locução inteira; a informação nova está igualmente distribuída entre o substantivo e o adjetivo:

(12-P) # ... um certo ar de MAJESTADE FORENSE# (Almeida 1854-55)

(12-I) # ... a certain air of FORENSIC MAJESTY#

É o caso, especialmente, das frases fixas ("colocações"):

(13-P) # ... das CABEÇAS COROADAS e das ORDENS RELIGIOSAS.#

(13-I) # ... from the CROWNED HEADS and the RELIGIOUS ORDERS.#

Por outro lado, acontece também, que o foco de informação nova pode residir quase exclusivamente no elemento final da locução nominal. Em português, isto acontece com os adjetivos de alto conteúdo informacional quando acompanhados de substantivos genéricos. O adjetivo reúne os detalhes informacionais que correspondem ao "ponto" da mensagem, em quanto que o substantivo tem um sentido bastante geral. Pode-se arguir, inclusive, que o substantivo neste caso é um simples portador sintático para a informação que o léxico não oferece em forma de substantivo. Aparece, neste caso, outro problema sintático na tradução para o inglês: na sintaxe desta língua, o adjetivo tem que preceder o substantivo. Para dar máximo realce ao foco, é necessário procurar outra estrutura sintática em inglês que ponha a informação focal em último lugar.

É o caso dos adjetivos onomásticos, cuja informação pode ter importância crítica para o sentido da mensagem. No exemplo 14 o autor está estabelecendo um contraste entre Portugal, por um lado, e Espanha e França, por outro. O tradutor conseguiu enfatizar a informação correspondente usando locução preposicional em lugar de adjetivo:

- (14-P) # As mais notáveis construções portuguesas do período são modestas quando comparadas a similares realizações FRANCESAS ou ESPANHOLAS. #
- (14-I) # Even [Portugals] most important architectural accomplishments of the period were modest compared with similar works in FRANCE or SPAIN. # [em lugar de : similar French or Spanish WORKS]

Nos exemplos 15 e 16 temos conceitos muito especializados:

- (15-P) # ... empenhadas na manutenção de suas prerrogativas e dogmas, ameaçados pelas contestações RACIONALISTAS. #
- (15-I) # ... bent on maintaining their prerogatives and dogmas which were being threatened by the contestations of RATIONALISM. # [em lugar de: Rationalist contestations]
- (16-P) # ... à custa de formas latinas retiradas de suas verdadeiras funções CASUAIS. # (Mattoso Camara 1975)
- (16-I) # ... at the expense of Latin forms that have lost the true functions of CASE. # [em lugar de: their true case FUNCTION]

No seguinte exemplo, o substantivo foi considerado até desnecessário na tradução; o adjetivo fica nominalizado:

(17-P) # Quando protestantes e anglicanos se excluem do contexto católico, igualmente se excluem do contexto BARROCO.#

(17-I) # When the Protestants and the Anglicans excluded themselves from the Catholic context, they excluded themselves also from the BAROQUE.# [em lugar de:from the Baroque CONTEXT]

A repetição da palavra *contexto* funciona em português porque não está em posição de foco. (Há uma restrição contra a repetição do foco em duas unidades seguidas, que vai contra o princípio de informação cada vez mais nova.)

O exemplo 18 é mais complicado porque o léxico do inglês não oferece uma tradução fácil do adjetivo *conspícua*. Vê-se que o tradutor acabou optando por uma locução verbal seguida de advérbio, conseguindo, ao mesmo tempo, manter a informação na sua ordem fiel:

(18-P) # A atitude humana é discreta, a postura CONSPÍCUA.#

(18-I) # It was important to be discreet, to bear oneself ERECTLY.#

As vezes a resolução do foco fica dificultada por problemas relacionados com a tradução do verbo da cláusula matriz. Por exemplo, o verbo impessoal tende a criar uma forte pressão sintática contra a resolução do foco em posição final:

(19-P) # É quando se fundam os primeiros povoados fixos BRASILEIROS.#

(19-I) # It was then that the first villages were founded in BRAZIL.#

O tradutor evitou a versão mais óbvia e estritamente sintática, que seria:

(19-I?) # It was then that the first fixed Brazilian villages were FOUNDED.#

Com esta versão, o foco fica enterrado no meio da unidade. Não funciona porque é preciso dar relevo ao conceito brasileiros; o autor está enfatizando o contraste com Portugal, que é o assunto do contexto anterior. Lembramos que são os focos anteriores que formam a base para cada elemento de informação acrescentada. Se o foco está no meio da unidade, não somente fica de difícil acesso na unidade atual, mas deixa de estar disponível para o discurso subsequente.

3.2. O foco marcado

O foco que, por qualquer razão, vai contra as expectativas estabelecidas, é considerado marcado. Sai do padrão estabelecido. O

efeito é sempre de surpresa. A contrariedade pode ter a ver com o conteúdo referencial ou com a própria estrutura do foco. Esta marcação, que dá uma ênfase especial ao elemento com que está associado, precisa ser captada na tradução.

No exemplo 20, o autor contraria, propositadamente, as expectativas do leitor em relação às propriedades de dois elementos conjugados:

(20-P) # – depois, felizes e meio aéreos, passamos a outras ruas e CONSIDERAÇÕES.# (Veríssimo 1957)

(20-I) # – and then, happy and light-hearted, we pass on to other streets and CONSIDERATIONS.#

O mesmo efeito passou facilmente para a tradução em inglês.

Mais difícil para traduzir é o foco em forma de verbo. Tanto em português como em inglês, o foco normalmente corresponde à locução nominal, que é a forma não marcada em todas as duas línguas. O verbo tende a pedir um objeto ou complemento para preencher a posição de foco. A ausência deste elemento nominal contraria as expectativas. Sendo caso de foco marcado, é especialmente importante manter a informação em posição final. No exemplo 21 há duas unidades que terminam em verbo. A primeira mantém a ênfase usando uma expressão em inglês que acaba no substantivo *defense*. Na segunda, o tradutor usou outro verbo para poder manter a elipse:

(21-P) # Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se DEFENDER.##Ele não TINHA.## Se tivesse, ...# (Ramos 1938)

(21-I) # It was good for a body to be that way, to have the means of putting up a DEFENSE.##He DIDN'T.##If he had, ...

A alternativa, mantendo a forma verbal e acrescentando o objeto nominal em posição de foco, que é necessário em inglês neste caso, resulta numa versão mais fraca e *menos clara*:

(21-I?) # It was good for a body to be that way, to have the means of defending HIMSELF.##He didn't have ANY.#

Como nos outros casos de estruturas que não têm correspondência na língua-alvo, nem sempre é possível achar uma solução que conserve a organização do discurso. Mas na medida em que estes aspectos importantes se refletem na tradução, obtém-se um resultado melhor no senso integral do texto.

4. Conclusão

Os dois sistemas, de tematização e informação, são essenciais à estrutura da unidade de mensagem. O primeiro lhe dá início: o segundo, o fim. Também são essenciais à estrutura do texto em geral. A tradução tem que respeitar os dois. O exemplo 22 demonstra a importância da segmentação das unidades para o senso geral do discurso. A condição temática da locução *o que*, ao criar uma unidade separada, confere o sentido global ao trecho inteiro:

(22-P) # O homem só vai ser grande no dia em que conquistar as estrelas.## *O que* Atila achou uma bobagem, porque o homem já ia à lua e daqui a pouco estaria nas estrelas e nem por isso seria grande.# (Brandão 1969)

(22-I) # Man will only be great the day he conquers the stars.## *Which* Atila thought was nonsense, because man had already gone to the moon and soon hed be on the stars and not even that would make him great.#

Uma versão sintaticamente "correta", ao contrário, apaga a saliência do tema e, portanto, a natureza da relação entre as duas unidades:

(22-I*) # Man will only be great the day he conquers the stars, which Atila thought was nonsense, because man had already gone to the moon and soon hed be on the stars and not even that would make him great.#

Vê-se que a decisão de ignorar o tema resulta numa mudança da significação do texto como um todo.

Os sistemas que organizam o discurso são universais. É a sintaxe que é específica da língua. E justamente porque é específica, haverá diferenças – restrições – sintáticas quando se confronta uma língua com outra. Também haverá diferenças nas propriedades semânticas entre os vocábulos dos léxicos respectivos. São estas restrições que têm que ser superadas para se chegar a uma tradução fiel e completa.

Agradecimento

A autora agradece à Professora Cléa Rameh por sua revisão do texto.

REFERÊNCIAS

- CHAFE, WALLACE, 1982, "Integration and involvement in speaking, and oral literature", em Tannen, D. *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy, Advances in Discourse Processes*, 9, Norwood, N.J.: Ablex.
- CLARK, HERBERT H. & HAVILAND, SUSAN E. 1977, "Comprehension and the given new contract", em Freedle, R. O. *Discourse Production and Comprehension, Advances in Discourse Processes*, 1, Norwood, N. J.: Ablex.
- FIRBAS, Jan, 1966, "Non-thematic subjects in contemporary English", em *Travaux Linguistiques de Prague*, vol.2. University, Ala.: University of Alabama Press.
- GIVÓN, Talmy, 1979, *On Understanding Grammar*, New York, San Francisco & London: Academic Press.
- GRICE, H. P., 1975, "Logic and conversation", em Cole, P. e Morgan, J. (eds). *Speech Acts, Syntax and Semantics*, 3. New York: Academic Press.
- HALLIDAY, M.A.K., 1967-68, "Notes on transitivity and theme in English". Partes 1, 2 e 3, *Journal of Linguistics* 3, 37-81, 199-244; 4, 179-215.
- MATHESIUS, Vilém, 1939, "O tak zvaném aktualnim cleneni vetném [Da chamada perspectiva funcional de oração]". *Slovo a slovesnost* (Praha), 5:171-174.
- TRÁVNICEK, Frantisek, 1962, "O tak zvaném aktualnim cleneni vetným [Da chamada perspectiva funcional da oração]". *Slovo a slovesnost* (Praha) 22:163-171.
- VASCONCELLOS, Muriel, 1985, "Theme and Focus: Cross-Language Comparison via Translations from Extended Discourse", *Tese de doutoramento*, Georgetown University. Washington, D.C.
- VASCONCELLOS, Muriel, 1986a, "Functional Considerations in the Postediting of Machine-translated Output: Dealing with V(S)O versus SVO. *Computers and Translation* 1(1):21-38.
- VASCONCELLOS, Muriel, 1986b, "Humor through the Listeners Voice: A Functional Model for the Capture of Humor in Translation", *Babel* (Budapest), 32(3):134-145.
- VASCONCELLOS, Muriel, 1987, "Temas no nominales, en particular temas verbales, con ejemplos del portugués de Brasil." *Filología* (Buenos Aires) 21(2):55-81.

OBRAS CITADAS NOS EXEMPLOS

- P** Almeida, Manuel Antônio de, 1854-55, *Memórias de um Sargento de Milícias*, São Paulo: Ática [1982, 11.^a edição].
- I** Almeida, Manuel Antônio de, 1959, *Memoirs of a Militia Sergeant*, Tradução de Lincon L. Barret, Washington, D.C.: Pan American Union.
- P** Amado, Jorge, 1966, *Dona Flor e Seus Dois Maridos: História Moral e de Amor*, São Paulo: Martins [1971, 18.^a edição].
- I** Amado, Jorge, 1969, *Dona Flor and Her Two Husbands: A Moral and Amorous Tale*, Tradução de Harriet de Onís. New York: Knopf.
- P** Amado, Jorge, 1969, *Tenda dos Milagres*, Rio: Record [1982].
- I** Amado, Jorge, 1971, *Tent of Miracles*, Tradução de Barbara Shelby. New York: Knopf.
- P** Azevedo, Fernando de, 1944, *A Cultura Brasileira: Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil*, São Paulo : Editora Nacional. [2.a edição].
- I** Azevedo, Fernando de, 1950, *Brazilian Culture: An Introduction to the Study of Culture in Brazil*, Tradução de William Rex Crawford, New York: Macmillan.
- P** Brandão, Ignácio de Loyola, 1969 *Zero*, Rio: Codecri, [1980, 7.^a edição].
- I** Brandão, Ignácio de Loyola, 1983 *Zero*, Tradução de Ellen Watson. New York: Avon.
- P** Camara, Joaquim Mattoso Jr, 1975, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio: Padrão.
- I** Camara, Joaquim Mattoso Jr, 1972, *The Portuguese Language*: Tradução de Anthony J. Naro, Chicago & London: University of Chicago Press.
- P** Coutinho, Afrânio, 1966, *Introdução à Literatura no Brasil*, Rio: Livraria São José. [3.^a edição]
- I** Coutinho, Afrânio, 1969, *An Introduction to Literature in Brazil*, Tradução de Gregory Rabassa, New York & London: Columbia University Press.
- P** Resende, Otto Lara, 1963, *Braço Direito*, Rio: [Autor].
- I** Resende, Otto Lara, 1968, *The Inspector of Orphans*. Tradução de Anne Cravinho, London: André Deutsch.
- P** Rosa, João Guimarães, 1956, *Grande Sertão: Veredas*, Rio: José Olympio.
- I** Rosa, João Guimarães, 1963, *The Devil to Pay in the Backlands*. Tradução de James L. Taylor e Harriet de Onis, New York: Knopf.

- P** Vasconcellos, Sylvio de, 1974, *O Barroco no Brasil*, Washington, D.C.: Organização dos Estados Americanos, Suplemento especial de Américas 26(6/7).
- I** Vasconcellos, Sylvio de, 1974, *The Baroque in Brazil*, Tradução de Muriel Vasconcellos, Washington, D.C.: Organization of American States, Special supplement to Américas 26(6/7).
- P** Veríssimo, Erico, 1957, *México: História dum Viagem*, Rio: Globo.
- I** Veríssimo, Erico, 1957, *México*, Tradução de Lomas Barrett, London: Macdonald.